

A proposito do bissexto

AMADOR BUENO MACHADO FLORENCE

Ha por aí, temos o direito de supor, gente aterrorizada com o titulo a que se subordina esta despreziosa explanação: — "A proposito do bissexto". Estamos, na realidade, em milenio que se evidencia por contar 29 dias em fevereiro e, assim, razoavel será estarem conjecturando que vamos tratar do conjunto das divisões do tempo e particularmente do ano civil, com idas e vindas pelo emaranhado e indigesto campo da astronomia experimental, que, nela, principal ou exclusivamente é que se assenta o principio científico da organização do calendario. Não, de forma nenhuma: — 1.º, porque para tanto nos faltam "engenho e arte", leigos que somos no assunto; 2.º, porque, mestres que fossemos e entendidos de coisas de calendas, humanos que somos antes de tudo e de coração razoavelmente formado, não seriamos capazes de pespegar aos leitores o suplicio de tamanha aridez... como contribuição nossa nas comemorações que marcarão o cinquentenario do Instituto Historico e Geografico de S. Paulo.

Fica portanto entendido — e assim tranquilizado o leitor — que não precisa sofrer arrepios, pois não haverá em nossas palavras nenhuma ou quaisquer perlustrações por calendarios, solares, luni-solares ou apenas lunares, com suas sub-divisões ou fases de revolução ou evolução em torno do astro-maior para estratificação dos tão celebrados 365 dias e pico, que nos contam a vida; nem esmiuçaremos as calendas dos gregos primitivos, ou as demarcações dos periodos chineses, dos indus, dos mongóis ou dos judeus, para afirmação de seus ciclos; tambem não nos propomos à contagem de tempo dos aborigenes, cheia de simplicidade e mesmo de santa ingenuidade, expressada pelas tantas ou quantas luas de que tão brasileiroamente fala o ainda não devidamente apreciado relato alencariano. Nada disso. Nem ciclos solares e muito menos lunares. Então, perquirirá intrigado o benevolo leitor, onde a razão desse enfatico "A proposito do bissexto"?!...

Pois em verdade vos digo que isso, como no caso da peninha, é somente para atrapalhar... O que, na realidade, vamos tratar, nada tem de calendario ou de reformas respectivas, que o momentoso problema fica para a Liga das Nações, quando, um dia, depois de restabelecida a paz com que tanto sonha a humanidade e tenha o respeitável cenaculo de Genebra voltado ao seu característico viver, de algo precise para matar o tempo... Enquanto tal succede, porque ainda não se esmagou de vez a hidra nazista, voltamos as vistas para o que é nosso: — à nossa casa, à nossa gente, que este, sim, é o objetivo destas linhas. E é para cuidar de historia, para venerar vultos do passado, para homenagear aqueles que alguma coisa fizeram e nos legaram, enobrecendo e dignificando a familia, o povo e a patria, que nos encontramos aqui, furtando um pouco de vosso tempo precioso e abusando da vossa imensa generosidade. Contudo, pedimos escusas se vos apoquentamos e enervamos. Contamos com vossa bondade e sabemos que caridoso perdão desculpará esta ousadia quando conhecerdes que a homenagem tem por alvo pessoa que nos diz diretamente: — Hercules Florence, o tronco honesto e honrado de onde provimos, homem que dignificou a patria, enalteceu a ciencia e deixou ao serviço da coletividade um grupo de rebentos que, se a ela não deu maior refulgencia, pelo menos em nada ofuscou o brilho da grei.

Não queremos que estas linhas sejam recebidas como acobertando tola vaidade ou ressoem como os ocos estrondos daqueles que, nada tendo de seu, fazem praça das glorias dos antepassados illustres. Advertimos que não somos dos que costumam dizer: — "Sou grande porque sou de minha raça"! Não, não o somos, mas sabemos ser grandes na admiração e no preito de homenagem àqueles que, passando pela vida em alentada e profícua jornada, souberam deixar herança de conhecimentos, de trabalho, de honra e de atitudes nobres que não constituem dadiwa exclusivamente destinada a seus legitimos e diretos legatarios, mas são distribuidos por todos, a todos beneficiam e a cada um toca um pouco.

Frise-se que não nos move, absolutamente, qualquer minima dosagem de cabotinismo, que não nos damos, de forma nenhuma e mercê de Deus, com tão feio pecado e por causa dele temos convicção de não perder as graças divinas. Certa vez, isso vai já para uma dezena de anos, por dedicado amigo que então presidia certame de arte por ocasião do centenario da fotografia, fomos convidados para fazer uma palestra sobre Hercules Florence. Recusamos, de pronto, não escondendo nosso acanhamento, reaciosos da censura dos Catões incompreensíveis e incompreendi-

dos... Alertou-nos o amigo do engano e nos dissuadiu do erro em que estávamos, argumentando que, se não reivindicarmos, nós próprios, para nossos ancestrais, para nossa gente e para nossa terra, glorias e serviços esquecidos pelos contemporaneos, outros não o farão, ou por despeito, ou por injustiça. Achamos que tinha razão e serenamente pusemos de parte nossos receios. Por isso estamos aqui, por iniciativa propria, convictos de que, compreendidos, seremos escusados.

Por outro lado, não perseguidos pela vaidade humana, essa mesma vaidade que a tanta gente boa perde, incapazes, como nós, de apresentar brasões e prosapia de antepassados para algo mais podermos valer; não nos engalanando com veneras que a outros foram conferidas em virtude de seus reais e proprios meritos — que nem as nossas seríamos capazes de alardear ou ostentar, tanto que, por principios republicanos e democraticos, duas recusamos, pessoalmente — da indomavel Belgica e do cavalheiresco Chile — porque em nós não viamos merecimento nenhum; por isso e por outras razões de facil entendimento consideramos não ser mal posto que falemos de nome illustre do passado, illustre porque o era e o foi na verdade, e não porque pretendamos amealhar galas e gloriolas.

Achamos de bom proposito nos referirmos a Antonio Hercules Romualdo Florence neste ano da graça de 1944, por ter ele nascido a 29 de fevereiro de 1804, bissexto como este da atualidade. E aí está o misterio da peninha, posta só para atrapalhar, e como em tudo o bissexto entrou apenas para perturbar um pouquinho e dar algum leve colorido, embora picaresco, a este insosso fraseado. Não tivesse a morte ido bater-lhe à porta da casa do Patio, largo da Matriz Velha, depois, na orgulhosa Campinas que por longo espaço teimou jogar as lampas com a Pauliceia — e isso às 3 horas da tarde de 27 de março de 1879, quando então contava na verdade 75 anos — estaria Hercules com os seus 140 febreiros, se as prerrogativas matuzalenicas nos atingissem a todos nós, está visto. E consignamos o fato, por absurdo que possa parecer, porque, sendo nato em ano bissexto e o 29 de fevereiro vindo tão raramente, fosse sua idade contada pela passagem da data, o certo é que estaria, hoje, com apenas 35 anos, mais ou menos... Aliás, procurando amenizar o que esta exposição tem de enfadonho, seja-nos permitido relatar rapida facecia sua, dos seus ultimos tempos de vida: — já alquebrado, minado pela molestia e vendo que não muito lhe restava na estrada da existencia, costumava ele dizer, com o bom humor somente proprio dos grandes espiritos, que o unico aborrecimento que daqui levaria era a certeza de que ia morrer de menor idade...! É que, estando en-

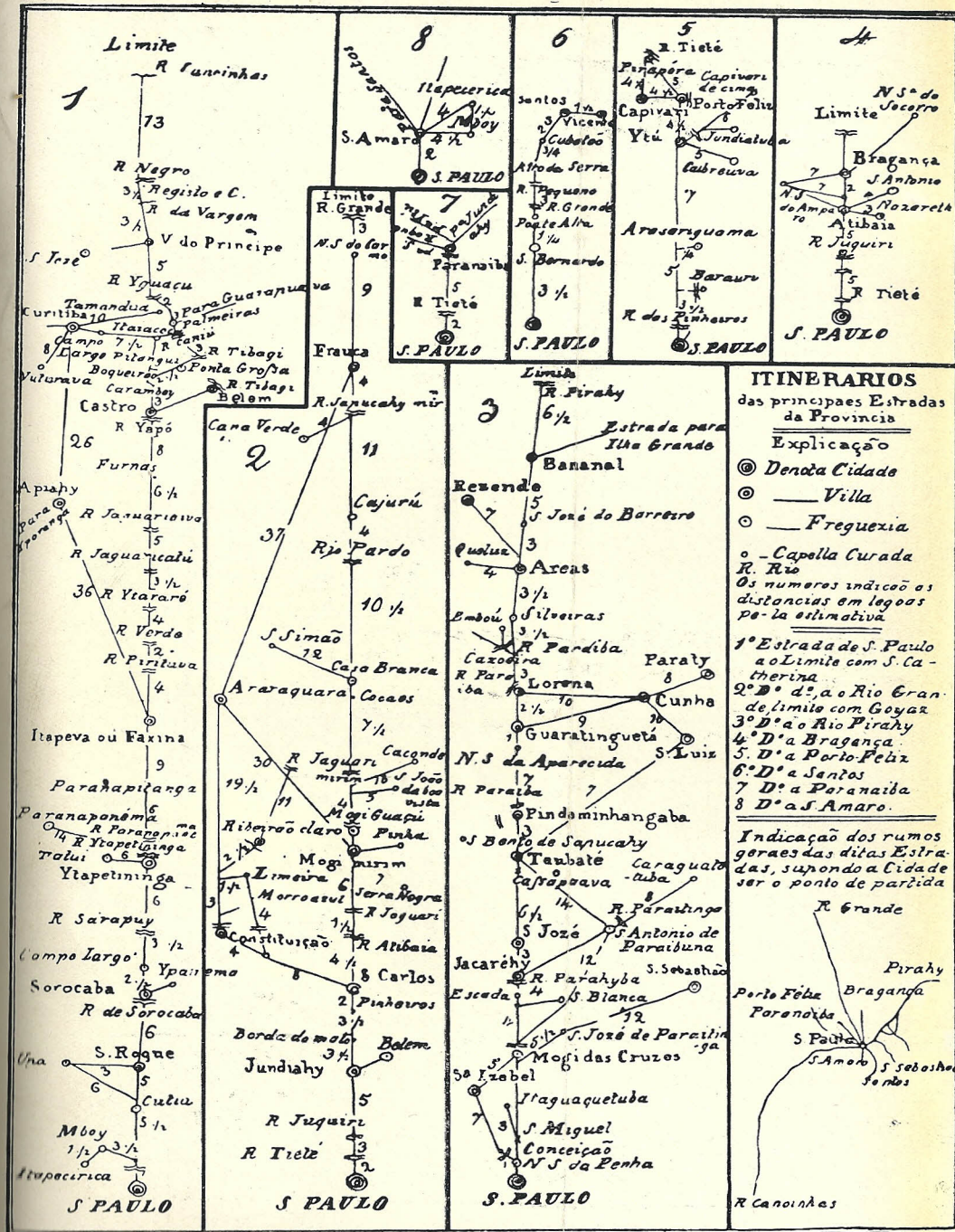
tão com 75, mas aniversariando apenas de quatro em quatro anos, via-se tão somente com as pouquíssimas dezoito primaveras que são o maior encanto da juventude...

Era graça, está visto, dita e feita exclusivamente para diminuir uma fase de sofrimento físico e destinada, quiçá, a mais e melhor encorajar os entes caros que o cercavam.

Não sendo brasileiro nato, pois viu a luz do dia em Nice, capital do departamento dos Alpes Marítimos, a folgazã e alegríssima cidade dessa imortal França que ele tanto amou e estremeceu e hoje tem o solo pisado pela bota do invasor inclemente, repartiu igualmente o mesmo amor com o Brasil, terra que elegeu para quase toda a existencia como noya patria e onde viveu precisamente cinquenta e cinco dos setenta e cinco anos de vida util e proficua. Consignemos, de passagem, que o presente ano marca tambem os 120 da chegada de Hercules Florence à Guanabara, que isso ocorreu em 1824, dois anos apenas depois de conseguida nossa independencia politica e estando, então, nosso homenageado nos albores de seu primeiro vintenio. Moço, muito jovem ainda, mas já experimentado nas durezas do mundo, que seu genio irrequieto, aventureiro, audaz e sequioso de conhecimentos multiplos muito cedo fizera conhecer, como breve veremos neste apanhado, dele procuraremos sintetizar o muito que fez e tão despreziosamente nos deixou.

Seria fastidioso dizer que provinha de familia do melhor sangue gaulês, da melhor cepa, como é de uso enunciar-se no velho Portugal, e pouco democratico afirmar que seu coração era propulsionado por melhor sangue azul. Filho e neto de cirurgiões militares, Arnaud e Roche Florence, provinha o tronco familiar de Toulouse, grande capital da Haute-Garonne, tambem chamada a metropole do Languedoc. Do lado materno entroncava em Claudio de Vignalis, de nobre ascendencia castelhana e que muitas vergontees deixou florindo no imenso campo das belas-artes e onde, principalmente, celebre ficou Arnaldo de Vignalis, primeiro premio de pintura da Academia de França e encomiasticamente louvado e apreciado pelo genial David.

Sobre sua gente diz conhecido historiador: — "A familia de Vignalis parece ter sido predestinada às artes; a pintura sempre foi a predileção de seus membros mais notaveis. Na antiga catedral de Monaco, onde existem os tumulos da familia, vê-se um grande quadro de altar, doado e pintado por Cecilia de Vignalis, mais ou menos em 1500. Em Monaco ha tambem muitos quadros de João Batista de Vignalis, entre eles o da "Morte de Alexandre Magno", que ficou por acabar, mas não deixa de despertar a admiração de quantos o contemplam".



l. Carlos, 1837 Polygraphia de Hercules Florence, inventor d'esta nova Arte

Pois foi nesse meio e provindo de uma estirpe de cultores do belo, que surgiu Hercules Florence para o mundo, hodiernamente crismado, pelo grande Afonso de Taunay, o "Patriarca da Iconografia Paulista", sendo de acentuar que por via das belas-artes talvez tenha sido determinada sua íntima e definitiva ligação ao Brasil, com conseqüente radicação e fixação.

Dissemos que Hercules tinha a bossa da aventura e não mentimos e nem conjecturamos, porque são palavras suas: "Desde já me agrada falar do mar, pois de minha vida somente tenho saudades do tempo que passei no mar e nos rios da America". E por isso foi que em juventude sem riquezas, a alma em luta permanente com o muito amor que dedicava ao lar e especialmente à sua Mãe, de outra coisa não cogitou senão embrenhar-se por novas terras e dominar o desconhecido. Com a inclinação embicada para o verde dos mares, entendeu que o próprio destino estava na nautica, carreira nobre e só permitida aos poderosos. Seria marujo de qualquer forma, venceria a imensidão do salso elemento, conheceria novas regiões e novas gentes e, com isso, talvez mitigasse as desesperanças de rapazelho de 14 anos, quando a França muito amada era espezinhada na "debacle" de 1818. Estuda afincadamente mathematica, fisica e ciencias experimentais, que o marinheiro precisava algo saber, mas vê seus projetos sossobrar em ante a opposição da familia, principalmente da bondosa e veneranda Mãe, que regava de lagrimas os pedidos para que não partisse.

Quaisquer pequenos obices desse genero não o demovem de todo. Concorde aparentemente, mas não põe de parte esses projetos que algum dia veria realizados. Forte de espirito, não descança, porque está sempre avido de sensações novas em novos lugares. Um dia, isso em 1820, com apenas doze luses na algibeira, dadiva da Mãe e que constituia a terça parte da colheita do ano, no porto de Nice, sem outro amparo que a propria coragem, alista-se grumete da galera comercial de um judeu e rumo para a longinqua Antuerpia, centro de grande comercio nos Países Baixos. Chegando e desembarcado, nada arranjando na terra estranha, vendo que os insignificantes recursos minguavam, pois que de sobra tinha dois luses somente, outro remedio não encontra senão retornar ao lar meigo e carinhoso, qual novo filho prodigo. É assim que, sem dinheiro e conhecidos, porem cheio de animo resolve a longa viagem de volta, que seria apenas atravessar a Europa de norte a sul, mas, é inacreditavel, a pé! Mete a pouca bagagem num sacco de lona, atira este às costas e inicia a desesperante caminhada, passando por Bruxelas, Malines, Valenciennes, Denain e, em pleno inverno, no mês de dezembro de 1820, alcança Paris, onde pernoita e "no dia seguinte, antes do meio-dia —

segundo suas próprias palavras — estava a caminho da Itália, com os meus dezesseis anos, e amedrontado pelo primeiro ensaio que acabava de fazer de nossas sociedades, pensando somente em minha mãe." Depois de serie imensa de privações e agruras, passando todos os imagináveis vexames, inclusive uma escolta de gendarmes que o supuseram malfeitor e suspeito, vencidos os mais de 1.600 quilômetros que separam Antuerpia de Monaco, via Paris, *in calcantibus*, teve a ventura do retorno ao lar querido onde, quando não outro, encontrou o premio do grato sorriso materno.

Não nos demoraremos no relato do sem numero de obstáculos que teve de vencer na tentativa de ingresso na marinha real, mas afirmamos que venceu corajosamente todas as barreiras e, numa linda manhã, em Toulon, nessa mesma Toulon que ha apenas um ano vem de escrever a mais bela pagina da fulgurante historia da armada de França, Hercules Florence, no comissariado da Marinha, é alistado, na qualidade de noviço de *matelot*, na tropa de mar e embarca no "Anibal". Estamos a vê-lo, numa interpretação do passado, que não conhecemos, jovem, espigado, olhos claros, descansados e inquiridores, orgulhoso de seu triunfo e belo na fardeta azulina que magnificamente ostenta o "pom-pom rouge", o glorioso marujo gaulês. Passa-se, em seguida, para o "Marie Therése", vaso que bloqueava Barcelona, com o fito de, concluida a guerra de Luis XVIII, dar a volta ao mundo. Não vê, desta vez, ainda, satisfeitos seus desejos, porque é transferido para o barco "Le Dromadaire" e enviado de novo ao teatro da luta nas costas espanholas. Chega, contudo, o fim da campanha e Hercules retorna ao "Marie Therése", que um dia, já em plena paz, levanta ancora no porto de Toulon e ruma mar a fora, singra o Atlantico e inflete para a America do Sul, dando inicio à tão sonhada e acalentada volta ao mundo.

Em maio de 1824, numa manhã cheia de luz, dessas esplendorosas matinas de verão carioca, sua fragata fundeia na sorridente Guanabara. Enamorado da natureza sem rival, vencido pelo verde da vegetação, dominado pelo entrecortado esquisito das montanhas novas e quase cegado por aquele mar de cor estranha que era unico no mundo, Hercules susta de pronto sua rota pre-estabelecida, deixando-se ficar em terra, na terra de São Sebastião. Não estamos exagerando. Sua impressão da capital do Imperio é esta: "... a bahia do Rio de Janeiro é tida como uma das mais belas do mundo inteiro, senão a mais bela de todas... Fantastico o panorama que se desdobra debaixo de nossos olhos e que deixa bem longe, atrás de si, o de Lisboa!"

Enamorado da natureza, como dissemos, alguns anos mais

tarde são as regiões de São Paulo que o dominam, arrancando-lhe estas exclamações: — "Fiquei maravilhado com a beleza dos sítios que fui atravessando. Não me fartava de admirar as margens do rio, a superficie calma das águas, os maciços de mangues, que por toda a parte surgem no meio da corrente e se alinham nas bordas; o cantar dos passaros do país, tão novo para mim; tudo concorria para mergulhar-me a alma em doce melancolia. Depois de posto o sol, o espetáculo mudou. Ergue-se a lua, e o suave clarão veio dar mais formosura àquela noite serena e bela, a primeira que eu assim passava nesta parte da provincia."

Retornemos ao Rio. Na patria nova cuida de arranjar emprego, pobre que era, e consegue ser recebido como simples e modesto caixeiro no estabelecimento de um patricio, o sr. Dillon. Destituído de espirito utilitario, aí não se dá bem e, findo um ano, se transfere para uma livraria, a do sr. Plancher, também francês. Não nos esqueçamos de que o forte do comercio fino, na Côte, era então francês. Sentiu-se melhor entre os livros e teve sobras de tempo para estudar e dar pasto ao genio inventivo, que muitas foram suas criações no campo das ciencias.

Muito culto para a idade, sempre catando o saber, não podia deixar de ser extremamente liberal. Prova, têmo-la na primeira impressão de nosso meio social, ao desembarcar, quando assistiu, horrorizado, ao açoitamento de negro escravo amarrado ao pelourinho em praça publica. Enche-se de justa indignação e aturdido escreve: — "Esta cena me revoltou. Mais adiante vi a fachada de São Francisco de Paula, onde estava escrito em grossas letras — CHARITAS; e não pude deixar de maldizer de um povo que afetava tanto a caridade e que açoitava os negros".

Este nobre sentimento de solidariedade humana foi sempre o seu "panache", tanto que, mais tarde, depois de aqui radicado, integrado entre os nossos e tornado bem brasileiro, dizia, nas lutas pela abolição do elemento servil, com sinceridade e verdade: — "Dir-se-á que falo mal dos Brasileiros, ou pelo menos dos Paulistas. Se não querem ouvir duras verdades, não sejam tão avidos de dinheiro; não continuem o trafico dos africanos, à face de todos os povos; que o proscavam; dêem uma educação a seus filhos, ensinem-lhes a Religião e a Moral; reflitam que sob o ouro de suas fortunas ver-se-ia o sangue dos negrosos chicotes, as flagelações se perpetuando de gerações em gerações"...

Tais palavras colocam Hercules Florence na honrosa legião dos campeões da liberdade dos escravos — Nabuco, Luís Gama, Rui Barbosa, Antonio Prado, Patrocínio, Antonio Bento e tantos

mais, com a circunstancia de os ter precedido de muito na nobilitante campanha.

Tem ele verdadeira obsessão pela liberdade do cativo e em tudo vê motivo para alforrias. Não compreende e não aceita o regime servil, utilizando-se de todas e quaisquer oportunidades para focalizar essa nodosa de nossos hábitos, que queria ver alimpada para sempre. Assim, conta que uma escrava de Domingos José de Azevedo, português carrança e senhor prepotente, afazendado nos rincões de Mato Grosso, certa vez garimpando achou um diamante no valor de 6.000 francos e prestamente foi leva-lo ao amo. E acrescenta: — "Apesar do presente valer quatro vezes o preço da escrava, o avido proprietario não lhe deu a liberdade". O raconto, é evidente, veio à baila exclusivamente para mais uma vez acentuar a escravidão, que tanto o maguava e envergonhava, e expressar a justiça para com a pobre negra. Esse senhor de escravos, respiguemos nós, era tão doido por lucros que costumava contar, conferir e reconferir os grãos de café, receioso de ser furtado pela escravaria...!

Volvamos, porém, aos seus primeiros tempos de Brasil, no Rio, quando ainda na livraria do sr. Plancher, onde, de par com o mister de vender livros, porfiava na tentativa de realizar sua primeira invenção: a noria-hidrostatica. Entregue a esse embevecimento estava quando, certo dia, tendo conhecimento dos preparativos de expedição científica custeada pelo czar Alexandre I, da Rússia e destinada a varar o sertão do Brasil, entrando de Mato Grosso para o Norte, com inicio em São Paulo e saída final na embocadura do Amazonas, sua avidéz de conhecimentos, sua vontade incontida de ver novas terras, novos rios, novas matas e, acima disso, o seu intimo notavelmente aventureiro, o conduzem à presença do barão de Langsdorff, acatado cientista germanico ao serviço da coroa russa, que seria o indigitado chefe da penetração.

Rapido entendimento convenceu o naturalista que o jovem niçardo era mesmo indispensavel na excursão. Lobrigou logo Langsdorff, com seu olhar penetrante e seguro de conhecedor dos homens, que se achava à frente de um moço que, por sua cultura, capacidade, intelligencia e, acima disso, por uma probidade que estava a entremostrarse em suas palavras, era companheiro necessario. Contratou-o, imediatamente, como 2.º desenhista do grupo expedicionario, e o meteu na honrosa companhia de Luis Riedel, o botanico emerito, a quem tanto devemos pelos conhecimentos novos sobre a flora brasileira; de Rubsoff, official da imperial marinha russa e astronomico de renome, que seria o encarregado da parte propriamente geografica da arremetida; de Cristiano Hasse, zoologico conspicuo; de Rugendas, o maior ico-

nografo do Brasil e de Amadeu Adriano de Taunay, alma peregrina de artista, esperanza de nosso incipiente meio cultural, substituto definitivo de Rugendas, que partiu e desgraçadamente não retornou, tragado que foi pelas aguas lodosas do Guaporé.

A missão Langsdorff teve como ponto de embarque a cidade paulista de Porto Feliz, a embarrancada terra beirante do Tieté evocativo, onde mereceu entusiastica ajuda de Francisco Alvares Machado, denodado liberal dos 1.º e 2.º Imperios, campeão da maioridade, habilissimo cirurgião, "uma de nossas maiores glorias parlamentares e cujo nome com flagrante injustiça anda hoje tão esquecido", no dizer de Teixeira de Melo, "Efemerides Nacionais". E Hercules, com os pesados encargos da organização da moção, teve diuturno amparo e permanente apoio do consagrado politico, de cujo convívio viu brotar o elo de sua definitiva prisão ao Brasil, pois mais tarde contrai nupcias com a unica filha de Alvares Machado, a jovem Maria Angelica, enlaçadito que iniciou a familia Florence no Brasil.

Cabe dizer aqui que Hercules, antes de partir para o ignoto, demorou longos meses em Porto Feliz, convivendo com Alvares Machado em seu proprio lar, que hospedado foi ali como filho, e deste convívio se serviu o deus do amor para tecer inesperado e tragico romance. Amaram-se os dois moços, com muita sinceridade, mas silenciosamente, sem uma qualquer manifestação mais aparente, nem mesmo juras e promessas. Enquanto isso ocorria, Hasse, o zoologo da expedição, apaixonado por Maria Angelica, recusa-se a partir e pede a mão da filha de Alvares Machado. Esta, ouvida pelo pai severo mas carinhoso, que bem recebera o amoroso naturalista, opõe-se tenazmente, sem sequer ouvir seu eleito, e responde bem paulistamente, de modo definitivo:

— "Só me caso com o sr. Florencio"...!

E foi o que aconteceu cinco anos depois, quando Hercules Florence, retornando da expedição científica, desembarcado no Rio, posta a vida em ordem, pede a Alvares Machado a mão daquela que escolhera para companheira no lar honrado que ia fundar no Brasil.

Quanto ao infeliz Hasse, conta o Visconde de Taunay, com aquela sua autoridade que ninguem pode pôr em duvida, que, completamente desanimado com a recusa, vencido na sua dor, se suicidou, dando em si proprio trinta e tantas facadas.

Mas, deixemos as coisas de amor e curemos diretamente do heroi e de sua obra, pois dele algo ainda temos a dizer. Quando nada mais tivesse feito na vida — e fez muito — Hercules Florence ter-se-ia consagrado com o só fato de ter sido o historia-

dor da expedição Langsdorff, com a "Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas", trabalho que lhe valeu entrada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, traduzida pelo Visconde de Taunay, cuja amizade muito prezava. Recentemente reeditada por seus filhos, drs. Guilherme (este ultimamente falecido) e Paulo Florence, prefaciada pelo eminente Afonso de Taunay, mereceu do respeitável diretor do Museu Paulista o seguinte e definitivo julgamento: — "É documento do mais alto valor para a história das ciências naturais no Brasil". Mas não é somente isso o que diz o nosso presidente de honra: — "Dentre os estrangeiros ilustres, credores do Brasil, muito poucos terão a fé de ofício de Hercules Florence e a sua folha de serviços à nossa pátria. E se se trata então de São Paulo avultam imenso estes prestimos. Vivendo, como viveu, meio século em terra paulista, exerceu Hercules Florence fecundo papel de civilizador, ao mesmo tempo que pelo alto padrão de moralidade que era a sua, aumentava o prestígio dos seus ensinamentos de todo o gênero. Devem-lhe a nossa iconografia das ciências naturais, e a dos costumes, serviços inapreciavelmente preciosos e valiosos."

Como sabemos, Hercules Florence não era apenas o artista, o desenhista da expedição Langsdorff, mas homem que, dotado de superior inteligência, senhor de genial espírito inventivo, dono de grande cultura e experimentado pesquisador, deixou ao Brasil série imensa de legados científicos e intelectuais, que poucos, muito poucos, poderão com ele emparelhar. Dizemos, propositadamente, ao Brasil, porque, aqui definitivamente radicado, constituindo família essencialmente brasileira, que conta bem mais de século, tudo quanto criou no campo das ciências e das artes foi produzido no Brasil, com os recursos do Brasil, destinado e aproveitado pelo Brasil. Cientista, etnólogo e etnógrafo, historiador, inventor e descobridor, escritor e jornalista, o acervo de suas criações constitui, por si só, padrão de cultura de um povo.

Com conhecimentos invulgares para a idade, pesquisador e observador, nada lhe escapa na expedição Langsdorff e em todo o correr da vida trabalhosa que teve. Tudo anota, registra e estuda e — o que é mais — deixa gravado como contribuição espontânea e generosa ao progresso da humanidade. No Brasil tudo o prende e fixa sua atenção multiforme. São os costumes, os hábitos, o folclore, a etnografia, a língua da terra, a paisagem e até a etnia dos povoadores e primitivos habitantes civilizados. Não lhe escapa uma festa de São Benedito, santo de côr e padroeiro da raça, realizada no Diamantino, pelos pretos, com solenidades religiosas e profanas, doces e bailados, e que até luxo

ostentoso exhibe com o estiramento pelas ruas do povoado, a começar da porta da igreja, de uma peça de seda de França, para que nela pisasse a rainha negra.

Chega a causar pasmo a autoridade de seus conhecimentos múltiplos com apenas 22 ou 23 anos de idade, no registro de costumes sociais dos indígenas, que conheceu "in loco" — tribos bem diversas umas de outras — e suas observações constituem material precioso para a etnografia do Brasil, e foi nela, não ha negar, que se foram abeberar os hoje mais autorizados e citados conhecedores dos primitivos habitantes de nossas florestas. Sobre os **Apiacás**, diz com uma segurança que ninguém será capaz de admitir em rapaz de sua idade, quando os estuda: "Os bens dos **Apiacás** são em comum. Cada habitação consiste numa única e grande choupana, onde reside toda a tribo. O índio de uma maloca entra noutra e se estabelece tão simplesmente como deixara a sua, porque em todas elas está em casa. Todos vão semear milho e outros grãos e plantar, quando é tempo, mangaritos; do mesmo modo em chegando a colheita, cada qual vai recolher o produto do trabalho de todos e levá-lo à choupana para depositá-lo na tulha suspensa, onde qualquer um tem o direito de tirar quanto queira. Assim também com o resultado da caçada e pescarias, com canoas, covos, utensílios, etc.. De seu não tem o **Apiacá** senão o arco, flechas e enfeites".

Mas, perguntamos nós agora, não será isso essa coisa tão apavorante que se convencionou chamar comunismo e que a muita gente boa e cauta de hoje tem pavorosamente assustado sem razão? É, sem dúvida, com a circunstância especial de ser bem brasileiro e conferir ao Brasil a prioridade ideológica... E vêm os leitores que nem nesse terreno a perspicacíssima Rússia leva vantagem ao aborigene da terra de Santa Cruz!... Temos de convir que Karl Marx, Lenine, Trotzky e tantos outros chegaram bem atrasados...

Suas magníficas observações se alongam e descem a minúcias que, é certo, não vamos alinhar aqui para não causar enfado. Mas citaremos apenas est'outras para concluir o tópico: "Da sociedade que formam pode-se dizer o mesmo que de sua nudez, alimentação, etc., comparados com o estado do povo entre nós. Tudo entre eles é simples; nada, portanto, repelente. Vão nus; também nunca vestem farrapões nem roupa suja e remendada. O corpo está sempre limpo, dispostos pela nudez em que vivem a se atirarem por qualquer coisa à água. Desconhecem o grande princípio da propriedade; também entre eles não ha ladrões, nem assassinos, nem envenenadores, nem falsários, nem ratoneiros, nenhum desses males morais que afligem os homens civi-